

CONTRA A GUERRA!

Como é do conhecimento público, nos dias 30 e 31 de Dezembro de 1972 reuniram-se na capela do Rato, em Lisboa, umas centenas de pessoas, para um debate sobre a guerra colonial. Nessa reunião foi aprovada (dia 31) a seguinte moção:

"Considerando:

"1. A guerra injusta contra os povos de Angola, Moçambique e Guiné;

"2. Que o fim da guerra é manter os povos africanos numa situação de escravidão;

"3. Que esta guerra se integra, na lógica, no conceito de imperialismo;

"4. Que o povo português é também vítima deste processo de exploração, pois é o mesmo governo que promove as guerras coloniais, que explora, oprime e reprime os trabalhadores portugueses,

"1º -- Repudiam vigorosamente a política do governo português de prosseguir uma guerra criminosa com a qual tenta aniquilar movimentos de libertação das colónias portuguesas, nas quais morrem, ficam feridos e incapacitados milhares de jovens portugueses.

"2º -- Denunciam igualmente a atitude de cumplicidade da hierarquia da Igreja Católica portuguesa face a esta guerra e aos problemas que ela põe ao povo português.

"3º -- Denunciam toda a repressão de que têm sido vítimas muitos trabalhadores e jovens portugueses por se manifestarem contra esta guerra criminosa, assim como o esmagamento dos movimentos e organizações democráticas.

"4º -- Manifestam a sua solidariedade com os povos das colónias em luta pela sua libertação.

"5º -- Solidarizam-se com todos os portugueses que têm lutado e lutam conseqüentemente pela instauração de uma sociedade justa.

"6º -- Apela veementemente para todas as pessoas que têm consciência ou sentem essa situação, para se unirem num esforço conseqüente de luta contra a exploração e opressão exercidas sobre o povo trabalhador".



A iniciativa causou uma repressão brutal: intimidação mediante esmagador aparato policial. identificação de todos e detenção de vários dos participantes (logo entregues à p.d.g.s.), além da imediata demissão de todos os funcionários públicos intervenientes. E isto veio mais uma vez provar (se é que ainda se tornava necessário prová-lo) que, sempre que se denuncia o carácter criminoso da guerra colonial, o regime, então incapaz já de manter a ficção das "liberalizações", desenvolve imediatamente a acção repressiva que, antes como depois de 1968, nunca deixou de o caracterizar.

Ao divulgarmos aqui a moção dos ocupantes da capela do Rato, manifestamos o nosso apoio de princípio a todas as iniciativas, como esta, que contribuam para mover à guerra colonial a guerra que se impõe e é urgente. No entanto, e tendo presentes os próprios interesses dos povos que sofrem a violência dessa guerra colonial, entendemos também que se deverá insistir (ou se deveria ter insistido neste caso) não apenas na "morte e incapacitação de milhares de jovens portugueses" e na "exploração e opressão exercidas sobre o povo (português) trabalhador", mas também na morte e incapacitação de milhares de colonizados em armas e na exploração e opressão exercidas sobre os povos das colónias "portuguesas".

Assim, ao acompanharmos os ocupantes da capela do Rato e ao exprimirmos a nossa revolta perante a repressão brutal de que foram alvo, esperamos que a guerra contra a guerra continue dentro dos princípios de solidariedade entre os povos português e colonizados, tal como acima os considerámos e como julgamos, aliás, estar no espírito de quem naquele templo encerrou de modo tão relevante o ano de 1972.

13/1/1973

GUERRA À GUERRA!

GUERRA À GUERRA!

GUERRA À GUERRA!